

## UMA VISÃO SOBRE A *GRAPHIC NOVEL HABIBI* DE CRAIG THOMPSON

### A glimpse on the graphic novel *Habibi*, by Craig Thompson

Chantal Herskovic<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente estudo faz uma leitura sobre a *graphic novel Habibi*, de Craig Thompson, a partir das relações entre palavras e imagens no sentido de abordar o texto verbal enquanto texto visual. Será observada, neste estudo, a escrita árabe explorada como imagem, além da história da escrita e de algumas de suas letras. A estrutura narrativa das histórias em quadrinhos, o uso de quadros, das letras, do desenho e o uso de linhas como experimentado pelo artista e a expressão gráfica da obra também serão abordados.

**Palavras-chave:** Quadrinhos. *Graphic novel*. Narrativas visuais. Expressão gráfica. Escrita.

#### Abstract

This paper presents a reading of Craig Thompson's graphic novel *Habibi* from the relations between words and images and how the verbal text can be exploited as a visual text. It is observed how arabic writing is experienced in the work as an image and also the history of writing and some of its letters. It also addresses the narrative structure of comics, the use of panels, letters, drawings and the use of lines as experienced by the artist and the graphic expression of the work.

**Keywords:** Comics. Graphic novel. Visual narrative. Graphic expression. Writing.

#### Introdução

*Habibi* se constitui em uma *graphic novel* criada por Craig Thompson, publicada em 2011. O presente estudo pretende uma análise das relações entre palavras e imagens presentes em *Habibi*, uma vez que as letras em árabe se misturam aos desenhos feitos por Thompson e criam formas que preenchem os desenhos, tornando o conjunto de palavras textos visuais.

---

<sup>1</sup> Doutora em Artes pela UFMG e professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).  
chantal.herskovic@uemg.br

Uma *graphic novel*, ou romance gráfico, é um tipo de história em quadrinhos que pode ter vários formatos e apresentações. Em geral, é destinado a leitores maduros e se distancia de infantojuvenis. Os quadrinhos podem ser em preto e branco, tons de cinza ou em cores. Essas variações permitem obras feitas em técnicas mistas, aquarelas, variações de pinturas em preto e branco, colagens e outras técnicas. A *graphic novel* se constitui em um tipo de publicação que tem um público variado. Esse gênero explora inúmeros tipos de quadrinhos que podem ir do mangá aos quadrinhos de super-heróis. Tais *graphic novels* podem se voltar para adaptações de outras obras, (auto)biografias, e é perceptível o fato de o romance gráfico ser uma forte tendência que ganha espaço e respaldo no meio acadêmico.

As histórias em quadrinhos, segundo Waldomiro Vergueiro (1998), podem ser definidas assim:

Em termos conceituais, pode-se também afirmar que elas constituem um meio de comunicação de massa que agrega dois códigos distintos para a transmissão de uma mensagem: o linguístico, presente nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons, e o pictórico, constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, ideias abstratas e /ou esotéricas, etc. Além desses dois códigos, as histórias em quadrinhos desenvolveram também diversos elementos que lhes são hoje característicos, como o balão, as onomatopeias, as parábolas visuais, etc. (VERGUEIRO, 1998, p. 120)

A *graphic novel* pode preservar a linguagem própria dos quadrinhos, fazendo uso de balões, requadros, painéis, onomatopeias, tipografias próprias e pode também propor inovações. Thompson explora as estruturas típicas das histórias em quadrinhos em *Habibi*, bem como em *Retalhos* (2003). *Retalhos* marcou o sucesso do artista e, em *Habibi*, há um amadurecimento da narrativa e da expressão gráfica. O autor transforma *Habibi* em uma fábula épica na qual seus desenhos são transformados em metáforas e, nas linhas em escrita árabe, flui a narrativa trágica de seus personagens.

As onomatopeias e a escrita árabe, explorada pelo autor como imagem, se misturam como códigos distintos pictóricos e linguísticos ao mesmo tempo, mas

mantém-se a significação do texto verbal. O autor de *Habibi* inclui no final da obra as notas de rodapé com as traduções dos textos em árabe que permitem ao não leitor de árabe compreender as passagens presentes na obra.

Além das colocações de Vergueiro (1998) sobre as histórias em quadrinhos, encontram-se em *Quadrinhos e arte sequencial* (1989), de Will Eisner, aspectos sobre a arte sequencial presentes nas histórias em quadrinhos e suas relações linguísticas, pictóricas e outros elementos narrativos. Eisner (1989, p. 122) observa que: “na arte sequencial, as duas funções estão irrevogavelmente entrelaçadas. A arte sequencial é a arte de urdir um tecido”. Portanto, a arte sequencial trabalhada por Eisner não apenas inovou a narrativa, mas explorou o uso de elementos intermediais ao mesclar textos verbais e visuais. O texto visual e o texto verbal devem se entrelaçar em uma linguagem própria dos quadrinhos e da arte sequencial. Para Eisner (1989), um texto bem-sucedido não tem interrupções do fluxo narrativo, pois texto verbal e imagem são dependentes um do outro e não seria possível separá-los.

“Escrever” para quadrinhos pode ser definido como a concepção de uma ideia, a disposição de elementos de imagem e a construção da sequência da narração e da composição do diálogo. É, ao mesmo tempo, uma parte e o todo do veículo. Trata-se de uma habilidade especial, cujos requisitos nem sempre são comuns a outras formas de criação “escrita”, pois lida com uma tecnologia singular. Quanto a seus requisitos, ela está mais próxima da escrita teatral, só que o escritor, no caso das histórias em quadrinhos, geralmente também é o produtor de imagens (artista). (EISNER, 1989, p. 122)

Eisner (1989, p. 122) ainda complementa: “Quando imagem e palavra se ‘misturam’, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação”. Tanto em *Habibi* quanto em *Retalhos*, Thompson explora essas relações entre palavra e imagem, porém, em *Habibi*, a visualidade da escrita árabe é explorada enquanto imagem. A escrita surge da imagem, e seus traçados representam letras, palavras e textos. Em *Habibi*, os traçados cercam os personagens e o ambiente e fazem parte do fluxo narrativo da história, sem interrompê-lo.

Thompson explora os textos verbais e visuais e, assim como Eisner, explora a estrutura narrativa dos quadrinhos para criar páginas elaboradas em relação à arte sequencial. Suas representações da escrita criam elementos narrativos e metáforas que não poderiam ser feitas de outra maneira. Thompson aborda seu processo de criação em uma entrevista virtual sobre *Habibi*:

Gastei dois anos somente escrevendo o livro. Escrevo texto e imagens juntos. Tendo a me deixar levar fazendo os rascunhos com muitos detalhes – em parte por trabalhar já com a composição das cenas no rascunho, mas principalmente por depender de amigos que leem os rascunhos e contribuem no processo editorial. (VITRAL, 2012, s.n.)

Em uma resenha ilustrada para o jornal *The Washington Post*, Thompson afirma que a escrita caligráfica é música para os olhos e que, de acordo com Chris Ware, os quadrinhos seriam partituras (CANVAS, 2011, s.n.). Para Thompson, o trabalho com a caligrafia árabe é um aspecto importante em *Habibi*. Thompson também tinha a intenção de trazer mais informações sobre a cultura islâmica após o atentado de 11 de setembro de 2001, e ele mesmo afirma que *Habibi* nasceu das Torres Gêmeas em Nova York.

*Habibi* aborda temas da sociedade e de um mundo em transformação nem sempre positivas. No entanto, ao abordar o sofrimento dos habitantes desse mundo em transformação, tal sofrimento deixa de ser desconhecido ou estrangeiro. Isso ocorre em obras como *Gen – pés descalços: uma história de Hiroshima* (NAKAZAWA, 1999) e *Maus* (SPIEGELMAN, 1995). Este seria também um dos propósitos de *Habibi*: aproximar elementos de uma cultura e de uma história, desconhecidas para o leitor.

Thompson explorou sua própria história na obra *Retalhos*, que conta sobre sua infância e juventude nos Estados Unidos. Natural de Wisconsin, ele morava em uma fazenda com seus pais e o irmão mais novo. Em *Retalhos*, ele revela a influência da criação religiosa nesse período de sua vida. A influência religiosa e suas reflexões sobre as narrativas bíblicas marcaram a juventude de Thompson e estão presentes em *Retalhos*. Essa característica aparece também em *Habibi*, onde Thompson traça um panorama sobre como era ser criança, adolescente e crescer no meio religioso de

seus pais; ao mesmo tempo, faz críticas a esse modo de vida e crença. *Retalhos* não deixa de problematizar esse aspecto de sua comunidade no Wisconsin.

O autor, em *Retalhos*, explorou páginas com desenhos entrelaçados em balões e requadros em formatos mais orgânicos, bem como explorou o uso de diferentes letras. Em alguns momentos, trabalhava uma tipografia agradável para a leitura, em outros, surgia uma tipografia manuscrita ou rabiscada, de acordo com o fator emocional da narrativa. Em *Retalhos*, uma autobiografia, podem ser vistas as linhas fluidas características do desenho de Thompson. Já em outras produções do autor, observamos os traços rápidos e secos de pincel em contraste com tinta branca. O uso de texturas também surge em *Retalhos*, como as texturas dos galhos das árvores, da neve caindo, de seus formatos transformados em linhas e como essas linhas remetem aos desenhos do artista e ao ato de desenhar. Thompson revela como seriam seus desenhos da infância e suas texturas de linhas. Existe uma referência ao seu próprio processo de criação. Em *Retalhos*, Thompson é também um personagem inserido na narrativa, que observa as formas da natureza e as transforma em desenho, linhas e pensamento. As linhas criam monstros, ondas, barcos e seres fantasiosos e formam a imagem de seu grande amor da juventude. Também criam a colcha de retalhos que ele ganha de presente e que dá nome a essa produção. Cada retalho tem um desenho diferente, estes são transformados em quadrinhos, e os personagens se entrelaçam com suas histórias, com a colcha e com as suas texturas. Os balões são fundidos em letras manuscritas com as cartas e os pensamentos do Thompson jovem, personagem da história, e de sua namorada. A história tem como tema a infância, o despertar da sua juventude e a transição para a vida adulta. *Retalhos*, apesar de explorar as estruturas narrativas dos quadrinhos, pode ser considerada um prelúdio de como o autor trabalharia essa transformação em *Habibi* e uma experimentação das estruturas dos quadrinhos e sua expressão gráfica.

Nos trechos sobre sua infância, há o movimento das brincadeiras e imaginação dos personagens que são representados nas páginas em quadrinhos. Os requadros têm formatos que acompanham os movimentos, e as letras são representações sonoras da aventura e das ameaças que cercam os personagens. No

caso, as letras sugerem o som e não apenas o texto do narrador, que é o próprio Thompson lembrando sua infância.

O sucesso de *Retalhos*, que obteve amplitude internacional e recebeu o Eisner Award, em 2004, como melhor álbum. É considerado um sucesso editorial, o que permitiu a Thompson focar na criação de *Habibi*, uma produção em quadrinhos com 672 páginas, permeada de detalhes e de escritas em árabe. Essa *graphic novel* levou oito anos para ser concluída e foi resultado de um trabalho de pesquisa, experimentações e minúcias. Com *Habibi*, Thompson ganhou o Eisner Award de melhor escritor e artista em 2012.

### ***Habibi***

*Habibi* tem com tema a vida de Zam e Dodola, escravos fugidos do mercado de escravos do país fictício de Vanatólia. Nessa produção, o autor explora as relações complexas da atualidade sobre pobreza e miséria, situações de risco, falta de saneamento, acúmulo de lixo nas regiões, cidades, rios e outras localidades, mudanças climáticas e problemas críticos do meio ambiente diante dessas questões. A história de *Habibi* se confunde com um mundo antigo, em meio a escravidão, prostituição, haréns, caravanas no deserto, e, à medida que a história progride, revela-se o mundo atual e seus problemas. *Habibi* significa “querido” em árabe e é assim que Dodola considera Zam, o seu “querido”. Porém, a história, tanto de Zam quanto de Dodola, é carregada de sofrimentos, e “habibi” passa ser um “querido” em meio a tantas situações difíceis.

Dodola é uma menina vendida por seus pais em casamento a um escriba. O marido a ensina a ler e escrever, e, nesse momento da narrativa, Thompson revela, em parte, a história da escrita quando conta a história de algumas letras. A primeira letra que desenha é a letra equivalente a “b”, de *bismillah*, e explica que o primeiro traço é o véu, e o ponto é a essência divina. O véu deve cobrir o ponto, ou seja, ele é a ilusão que afasta a percepção da essência divina (Figura 1). E fica a questão: “quem pode erguer o véu?” (THOMPSON, 2012, p. 15).



Figura1 – Como escrever a letra equivalente a “b”. Elementos preenchidos com escritas.  
 Fonte: THOMPSON, 2012, p. 37.

Dodola também ensinará a Zam, começando pela letra equivalente a “b”, de *bismillah* (Figura 1), porém ensina, além da escrita, os mistérios dos quadrados mágicos. As páginas em *Habibi* são decoradas com molduras e texturas. As letras em árabe fazem parte dos desenhos e, à medida que a personagem aprende escrita e alquimia, essas páginas são preenchidas com esses elementos, letras, palavras e símbolos (Figura 2).



Figura 2 – Elementos preenchidos com escritas.  
 Fonte: THOMPSON, 2011, p. 17.

A casa do escriba é atacada, e Dodola é sequestrada por traficantes de escravos. Ela é levada para o mercado de escravos e lá conhece Zam. Um dos traficantes quer matá-lo, alegando que ele não vale nada. Dodola o salva ao dizer que ele é dela e que vai tomar conta da criança. Zam é apenas um bebê, e Dodola lhe dá esse nome. Em certo momento, Dodola consegue fugir levando Zam consigo, e eles vão para o deserto. Lá, encontram um barco e passam a morar ali. Os anos passam, nesse barco que se torna um refúgio, e lá Dodola educa Zam na escrita, nas histórias das *Mil e uma noites* sobre o Rei Salomão e a Rainha de Sabá. Também ensina sobre o *Alcorão* e sobre os quadrados mágicos, seus números e relações com as letras.

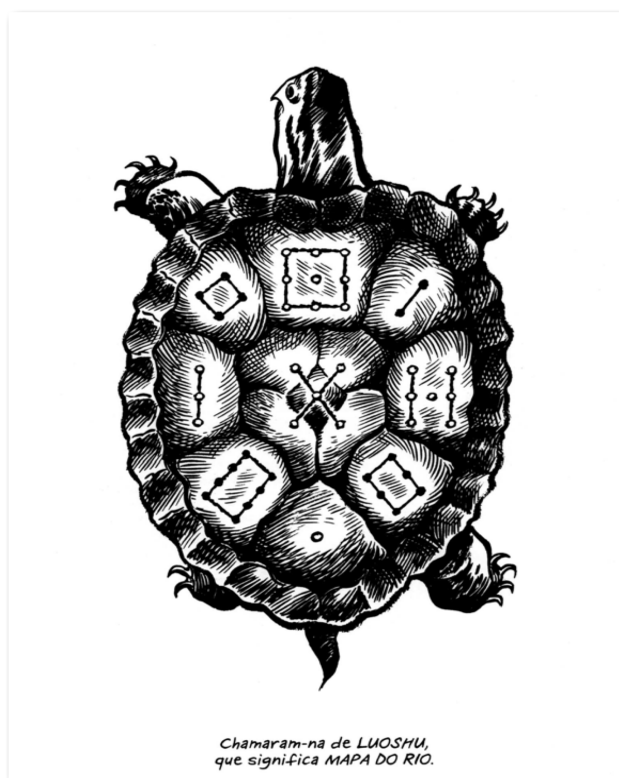


Figura 3 – Elementos no casco da tartaruga.  
Fonte: THOMPSON, 2012, p. 35.





Figura 4 – Representações dos quadrados mágicos.  
 Fonte: THOMPSON, 2012, p. 36.

As letras e a posição dos quadrados mágicos teriam vindo do casco da tartaruga, como os ideogramas chineses (Figuras 3 e 4). Dodola ensina a Zam os mistérios e as relações numéricas dessas representações. Zam utiliza os quadrados mágicos ao invocar ajuda e proteção, e eles fazem parte de uma narrativa mística presente na história. Em certo momento, Zam é guiado por uma cobra, e esta assume formas de letras com o próprio corpo para se comunicar com Zam.

Dodola passa a se prostituir em troca de comida para homens das caravanas que passam perto do barco. Com isso, eles sobrevivem por anos. Mas Dodola é novamente escravizada por homens que ali passavam e vendida para o harém do Sultão de Vanatolia. Uma vez no palácio, ela consegue encantar o sultão ao lhe contar histórias e o distrair todas as noites. Porém, ele ameaça matá-la em mais de um momento, e ela se vê cercada de inimigos. Eventualmente, ela fica grávida e tem um príncipe, herdeiro do Sultão. Entretanto, os príncipes têm vida curta no palácio, e este é assassinado ainda pequeno. Dodola se encontra em um desafio proposto pelo Sultão: criar água ou ser morta, e nesta parte da história ela se dedica à alquimia e ao ocultismo. Thompson não apenas aborda as histórias bíblicas e o *Alcorão*, mas também os desenhos de alquimia e seus símbolos. Aqui, os símbolos tomam parte dos desenhos de Thompson e povoam a mente dos personagens (Figura 5).

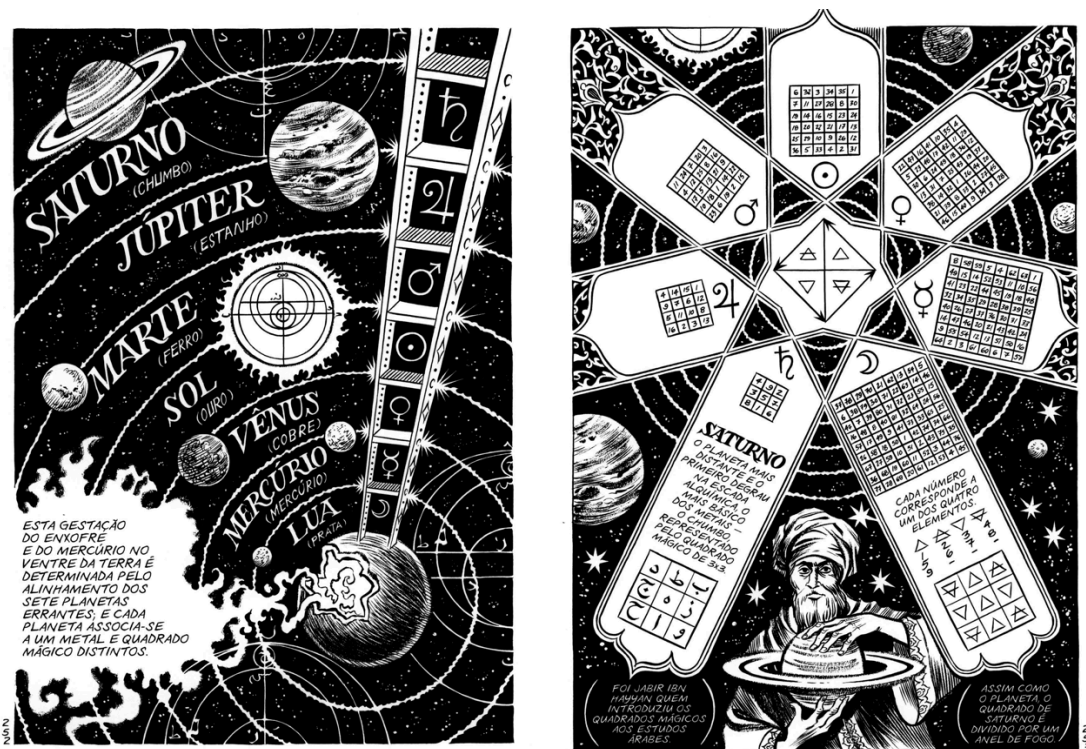


Figura 5 – Representações de alquimia e outros elementos.  
 Fonte: THOMPSON, 2012, p. 252-253.

Nas páginas sobre os estudos de alquimia e os elementos, bem como naquelas sobre astronomia e quadrados mágicos, as letras passam a ser parte do desenho e nele estão inseridas como se fossem uma cartilha. Palavras, letras e elementos alquímicos se configuram em imagens que adquirem diversos significados. Tais significados são acessíveis àqueles que têm conhecimento sobre o misticismo dos quadrados mágicos e sobre alquimia. No entanto, para os não conhecedores, o processo de significação ocorre de outras formas. Há também um certo aspecto didático nessa produção de Thompson: apresentar ao leitor conhecimentos sobre as primeiras letras da escrita árabe.

Voltando à narrativa, Zam se cansa de esperar no barco e sai em busca de Dodola. Por ter uma vida de miséria extrema, ao chegar a Vanatólia, consegue o trabalho de varrer fezes para poder dormir em um canil. Ele chega a desmaiar em meio à sujeira e é resgatado por uma travesti, que tem pena dele. Ela o acolhe em uma residência de travestis eunucos. Quando Zam melhora, ele acaba optando por

se tornar eunuco também, de outra forma teria que voltar a morar nas ruas. Depois de alguns anos, ele é sequestrado e escravizado para trabalhar de eunuco nos haréns do Sultão e lá reencontra Dodola. Juntos conseguem fugir e surgem em um mundo moderno cheio de poluição e como refugiados da miséria e da escravidão.

A história, apesar da tragédia de seus personagens, recupera narrativas da *Bíblia* e do *Alcorão*. Zam pode ser relacionado ao descendente de Cam, filho de Noé, presentes na narrativa que se encontra no livro do *Gênesis* na *Bíblia*. O filho de Cam, Canaã, foi amaldiçoado por Noé a ser servo dos servos dos irmãos de seu pai, e Zam, de maneira semelhante, tem uma história de escravidão. Zam, personagem de *Habibi*, é também relacionado a Zam, que segundo o *Alcorão*, encontrou água ainda bebê, como Zam em *Habibi*.

Na história da evolução da escrita, os textos, inicialmente, eram escritos com penas de junco e outros instrumentos (CLAIR; BUSIC-SNYDER, 2009). A variação das espessuras de traços vem das penas de junco, de pincéis e penas diversas. Posteriormente, para a caligrafia e o desenho, passam a ser utilizadas penas de metal, que são usadas até os momentos atuais. O pincel permite controlar a espessura dos traços. O movimento do pincel e da pena em muito contribui para a fluidez da escrita e para as formas das letras. Pincéis e penas foram adaptados para inúmeros tipos de canetas. O instrumento contribui para formas mais desenhadas das letras, como pode ser observado na caligrafia árabe e em outras caligrafias. Já a escrita ocidental, do alfabeto romano, pode aparentar traços mais geométrico em suas capitulares e fluidez em suas minúsculas (como observado na escrita carolíngia e uncial) (CLAIR; BUSIC-SNYDER, 2009). A escrita árabe é mais fluida e remete às linhas e seus movimentos. *Habibi* tem seus desenhos preenchidos com letras em árabe em diversas formas, e elas fazem parte da obra como um texto tanto verbal quanto visual que revela também a expressão gráfica individual do autor. Para o leitor de árabe, é possível compreender os desenhos preenchidos de textos; no entanto, para o não leitor de árabe, é possível apenas apreciar essa relação da letra como imagem trabalhada pelo autor. Thompson, por não dominar a língua árabe, fez experimentações e estudos para criar suas páginas com auxílio de conhecedores da língua.

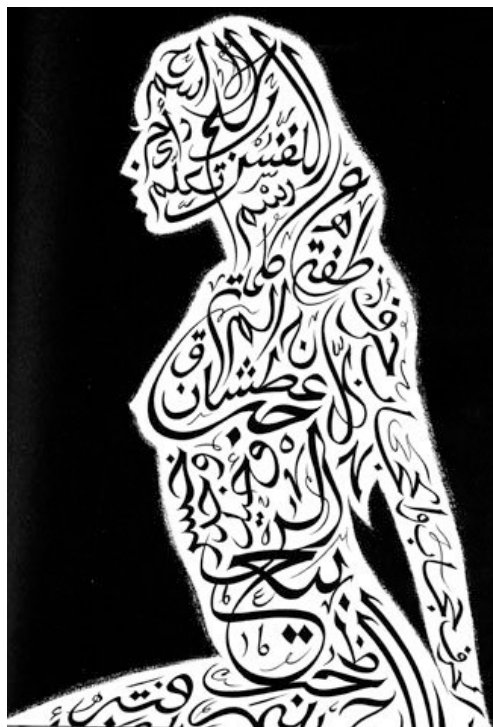


Figura 6 – Silhueta preenchida com letras e palavras.  
Fonte: THOMPSON, 2012, p. 405.

As páginas são preenchidas com elementos que remetem à arte islâmica como formas geométricas e palavras em árabe (Figura 6). Existe uma riqueza de detalhes em *Habibi*, há uma profusão visual, uma das principais características da obra. Não apenas cenários, portas, palácios e paredes, mas os próprios painéis das páginas em quadrinhos têm molduras trabalhadas que remetem também a edições de livros manuscritos e repletos de detalhes, como edições trabalhadas do *Alcorão*.<sup>2</sup> O uso da cor preta também divide os pesos visuais da obra, enfatizando situações do próprio cenário, como a pobreza e a miséria, assim como o contraste das texturas criadas por desenhos geométricos. A cor preta também contrasta com o branco, considerando as significações atribuídas a essas cores: branca é a luz da esperança e a paz que os personagens encontram no deserto.

---

<sup>2</sup> Para iluminuras do Alcorão em *naskh*, em Istanbul, 1853, consultar: <<https://www.theislamicmonthly.com/resurgence-islamic-calligraphy-istanbul/>>. Para o *Ayet El-Korsy (The Throne Verse)* do Alcorão, desenhado em caligrafia em formato de cavalo, consultar: <<https://www.egypttoday.com/Article/4/42808/Arabic-calligraphy-a-prolonged-influence-on-culture-worldwide>>.

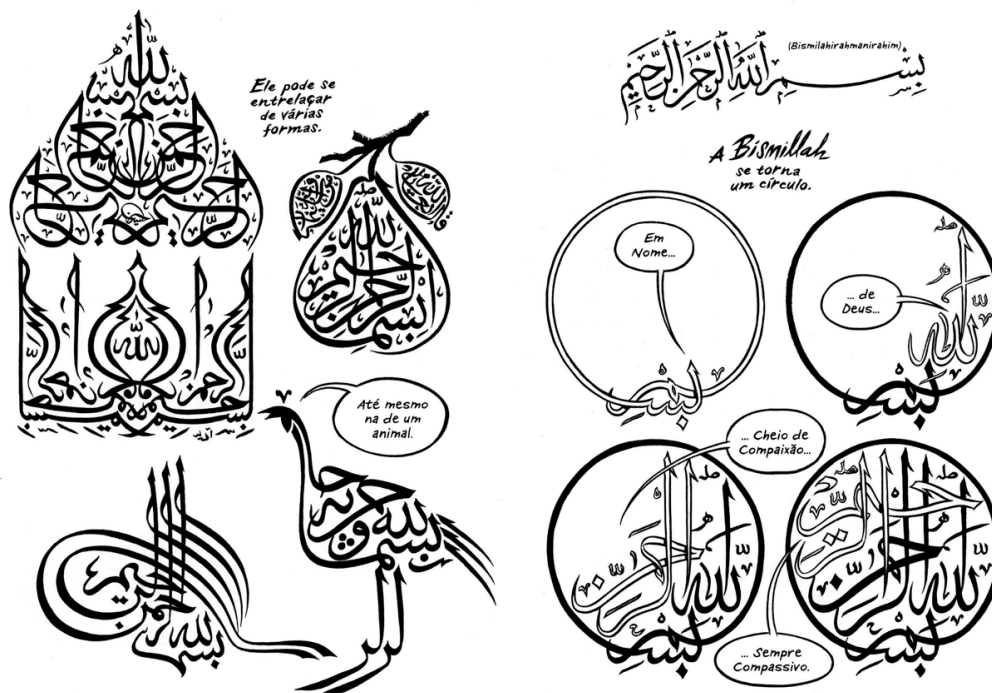


Figura 7 – Silhueta preenchida com letras e palavras.  
 Fonte: THOMPSON, 2012, p. 38-39.

Além dos detalhes das páginas e de suas letras em árabe, o autor mostra o processo de escrita de uma frase, *Bismilahirrahmanirahim*, que significa: “Em nome de Deus, cheio de compaixão, sempre compassivo” (THOMPSON, 2011, p. 39) (Figura 7). Thompson revela como inserir a frase em diversas formas e como esse desenho da frase pode ser expressivo: no caso, as palavras tornam-se imagens. Há um processo na criação dessa frase “palavra e imagem”: primeiro, é criado o círculo em que a frase será inserida, sendo o próprio círculo parte da frase escrita. O personagem inicia a forma com a escrita de “Em nome...”, seguida por “de Deus...”, e por “cheio de compaixão...”, e termina com “sempre compassivo”. O resultado é uma forma preenchida por linhas com variações de espessura no traço em formas orgânicas e com alguns pontos. Os pontos quadrados são o resultado do ponto desenhado pela pena, sendo este um traço que tem espessura e largura com a mesma medida. No Ocidente, essa forma de medir é utilizada para medir o tamanho da letra no alfabeto romano e gótico.

As penas caligráficas utilizadas atualmente compreendem penas de metal, mas também é possível trabalhar com penas de bambu e até mesmo possível criar sua própria pena. Elas permitem a desenvoltura de um traçado com variações de espessura, de textura e a criação de formas orgânicas e fluidas. Existem tintas caligráficas específicas para trabalhar com esse suporte, porém o nanquim (também conhecido como tinta da China) é amplamente utilizado para o desenho e para a escrita. Além da tinta preta, existem variações de diversas cores que incluem dourado, prateado e cobreado. Existem também canetas para desenho e *lettering*,<sup>3</sup> *brush pens* (ou canetas pincéis) e canetas caligráficas que imitam os efeitos das penas e dos pincéis. Esse tipo de material torna o traço diferenciado em relação a canetas de ponta redonda, que criam linhas com a mesma espessura. Outra característica desse tipo de instrumento é a variação de quantidade de tinta e o ângulo para escrever ou desenhar. Algumas penas podem ser próprias para desenho e outras para a escrita manual por causa da quantidade de tinta que armazenam. Por isso, para a escrita árabe, e no caso de formas desenhadas criadas a partir da escrita, penas que armazenam mais tinta (ou canetas) são ideais, pois permitem um traçado longo, enquanto textos em hebraico, por exemplo, têm traçados curtos.

Sobre a linha e sua expressividade e função, Donis A. Dondis (1998, p. 55) afirma que “a linha é a história do movimento de um ponto”. Ela também afirma que a linha nunca é estática, tem uma enorme energia, além de ser um elemento inquieto e inquiridor do desenho. As linhas de Thompson e dos desenhos misturados aos desenhos das letras árabes são cheias de movimento, expressam as emoções dos personagens e também revelam mais dos ambientes em seus cenários. A expressividade está em seus movimentos, em alguns momentos fluidos e soltos, em outros, desenhados dentro de limites de outros traçados. Suas linhas contam a história de seus personagens e ambientes.

---

<sup>3</sup> *Lettering* é uma técnica que abrange a criação e o desenvolvimento de peças gráficas que exploram as formas das letras. O uso das formas para cada letra é limitado à aplicação para qual foram desenvolvidas, e o desenho da letra começa do zero (FLOR, 2018).

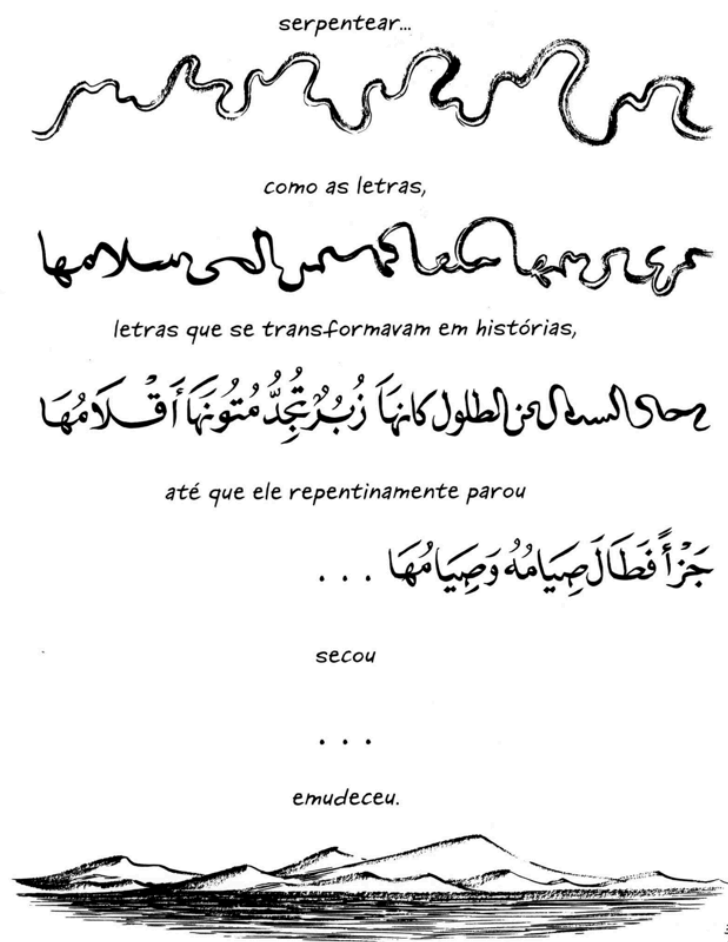


Figura 8 – Texto em árabe junto ao desenho da página.  
 Fonte: THOMPSON, 2012, p. 31.

Na página 31 de *Habibi* (Figura 8), há menção a um rio que secou, e as linhas registram o fato. O autor expressa a ideia do rio seco através da escrita e da forma do rio simultaneamente. O rio, ao se tornar mudo, vira um deserto; a ausência de água e de escrita representa a morte. A forma do rio em movimento é transformada em uma frase em árabe. O texto em árabe é baseado em caligrafias de *The Golden Ode*, de Labid Ibn Rabiah (University of Chicago Press, 1974). A tradução é baseada na versão em inglês por William R. Polk. O texto em árabe foi traduzido como:

E as enchentes descobrem  
os rastros como se fossem  
escrita cujo texto foi  
renovado por penas.  
Vivendo de comida úmida,  
foi longa a abstinência  
que tiveram da água. (THOMPSON, 2012, p. 668)

A associação entre a água, a escrita e a vida está presente em palavras e imagens. A caligrafia representa não apenas o texto verbal, mas o rio fictício. Os rastros do rio seriam escritos também, porém emudecidos e pertencentes a um rio que não mais existe. Aqui, o texto caligráfico é verbal e visual, que se insere no fluxo narrativo e na expressividade da estética trabalhada pelo artista ao trabalhar o texto em árabe como imagem.

### **Considerações finais**

Na obra, Zam e Dodola buscam o tempo todo uma saída para uma vida de sofrimento, porém buscam primeiro a sobrevivência. Para isso, dependem um do outro. Zam depende mais do que Dodola, que é mais velha e se vê na condição inicial de mãe de Zam, para depois se ver como companheira de Zam. Thompson afirma que pretendia, por meio da história, abordar o abuso sexual e produzir um conto de fadas (CANVAS, 2011). Essa foi a forma como trabalhou. A estética da escrita e sua expressividade gráfica são características fundamentais da obra. Thompson destaca que o fato de não saber árabe o aproxima dessa expressividade da imagem da palavra (CANVAS, 2011) de uma forma mais estreita do que se dominasse a língua. Para o não leitor de árabe, é possível ver todos os textos como imagem e depois, ao ver a tradução, perceber as relações entre os desenhos de Thompson e a narrativa da obra.

A história da escrita mostra que as palavras são originalmente representadas por imagens. As primeiras formas de escritas eram pictóricas e utilizavam ideogramas. Com o tempo, o som foi associado às letras. Nas histórias em quadrinhos, a representação da palavra e das letras pode remeter ao texto sonoro, como nos diálogos dos personagens, ou pode fazer parte do desenho, sugerindo volume sonoro



e movimento, como gritos, batidas e cochichos. *Habibi* tem grande expressividade da escrita caligráfica, é uma obra que aproxima o leitor da cultura islâmica e traz algum conhecimento sobre obras e textos dessa cultura. A representação do sofrimento dos personagens também se aproxima dos temas abordados e pode diminuir as distâncias entre os povos e suas culturas.

## Referências

CANVAS, Michael Canva's. 'HABIBI': The Illustrated Review of Craig Thompson's ornate new epic. *The Washington Post*. Publicado em: 23 de set. 2011. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/blogs/comic-riffs/post/habibi-the-illustrated-review-of-craig-thompsons-ornate-new-epic/2011/09/22/gIQAWSxSqK\\_blog.html](https://www.washingtonpost.com/blogs/comic-riffs/post/habibi-the-illustrated-review-of-craig-thompsons-ornate-new-epic/2011/09/22/gIQAWSxSqK_blog.html)>. Acesso em: 23 mar. 2020.

CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. *Manual de tipografia: a história, a técnica e a arte*. Tradução de Joaquim da Fonseca. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EISNER, Will. *Narrativas gráficas*. Tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLOR, Martina. *Os segredos de ouro do lettering: design de letreiros, do esboço à arte final*. Tradução de Priscila Farias. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

NAKAZAWA, Keiji. *Gen – pés descalços: uma história de Hiroshima*. Tradução de Sofia Valtas. São Paulo: Conrad, 1999.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente II: e foi aí que começaram meus problemas*. Tradução de Maria Esther Martino. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Tradução de Ana Maria de Souza Bierrenbach. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

THOMPSON, Craig. *Blankets*. Marietta: Top Shelf Productions, 2003.

THOMPSON, Craig. *Habibi*. New York: Pantheon, 2011.

THOMPSON, Craig. *Habibi*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.

THOMPSON, Craig. *Retalhos*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinho. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (org.). Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 117-149.

VITRAL, Ramon. Craig Thompson fala dos oito anos de criação de 'Habibi'. *Estadão*. 2 de jan. 2012. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,craig-thompson-fala-sobre-os-oito-anos-de-criacao-de-habibi,817622>>. Acesso em: 2 set. 2019.